

## O USO DE "TU" E "VOCÊ" EM TIRAS DE IOTTI

### THE USES OF "TU" AND "VOCÊ" IN IOTTI'S COMIC STRIPS

Cíntia de Moura Pinto<sup>1</sup>

Rosemari Lorenz Martins<sup>2</sup>

Rachel Carlesso<sup>3</sup>

André Natã Mello Botton<sup>4</sup>

**Resumo:** Este trabalho analisa o uso dos pronomes "tu" e "você" e a concordância verbal em 40 tiras da personagem ítalo-brasileira Radicci, do cartunista Iotti. Estabeleceu-se, como objetivo geral, verificar se as tiras revelam marcas regionais da oralidade do gaúcho com o uso do "tu" e o "você" como pronomes da segunda pessoa do singular sem a devida concordância segundo a norma culta quanto ao "tu" e, como objetivos específicos, investigar a ocorrência e em que usos a aplicação dos pronomes variou segundo o gênero, a idade, a escolaridade e se o personagem era bilíngue ou não. Além da revisão teórica relativa aos conceitos de sistema pronominal, da concordância verbal, da análise das tiras, este estudo comparou os resultados com os de Loregian-Penkal (2004). A análise de dados revelou que os resultados deste estudo são relativamente próximos aos obtidos pela autora supracitada, em que a marca de identificação do gaúcho é a utilização do pronome "tu" sem efetuar a concordância canônica com o verbo que o acompanha.

**Palavras-chave:** Tiras. Concordância verbal. Pronomes.

**Abstract:** This paper analyzes the use of the pronouns "tu" and "você" and the verbal agreement in 40 comic strips of the Italian-Brazilian character Radicci, by the cartoonist Iotti. It was established, as a general goal, to verify whether the comic strips reveal regional marks of the orality of the gauchos with the use of "tu" and "você" as pronouns of the second person singular without the proper verbal agreement according to the standard norm related to "tu" and, as specific goals, investigating the occurrence and in which usage the application of the pronouns varied according to gender, age, schooling and if the character was bilingual or not. In addition to the theoretical review of the concepts of pronominal system, verbal agreement and the comic strip analysis, this study compared this results with Loregian-Penkal's (2004). The data analysis revealed that the results of this work are relatively close to those obtained by the aforementioned author, in which the gaucho's identification mark is the use of the pronoun "tu" without making the canonical agreement with the verb that accompanies it.

**Keywords:** Comic strips. Verbal agreement. Pronouns.

Há quem creia que o único foco de estudo da sociolinguística seja a língua falada. No entanto, de acordo com Fernando Tarallo (2001), o objeto da sociolinguística

<sup>1</sup> Email: cintiademourap@feevale.br

<sup>2</sup> Email: rosel@feevale.br

<sup>3</sup> Email: rachel.carlesso@gmail.com

<sup>4</sup> Email: andrebotton@feevale.br

é o fato linguístico dentro de suas possibilidades de levantamento analítico de pesquisa. Isso significa que como objeto de análise da sociolinguística, pode-se incluir tanto a fala, como em gravações de áudios, quanto na produção de narrativas que se aproximam e reproduzem o vernáculo<sup>5</sup>. É importante, também, destacar que o objetivo do estudo sociolinguístico é analisar o uso da fala dentro de uma determinada comunidade linguística.

A partir disso, muitos estudos sobre a variação do “tu” e do “você” na fala já foram realizados pelo Brasil. No entanto, no Rio Grande do Sul, o assunto não se esgotou, pois não há uma descrição categórica do uso desses pronomes em todo o país, tampouco em outros contextos possíveis. E, como é inviável descrever todos os contextos, sempre há espaços para a realização de novas pesquisas sobre o tema. Os objetos de discurso são perpassados por uma relativa instabilidade constitutiva observada em interações verbais e não-verbais, que são representações sustentadas pelas atividades linguísticas. Para Mondada e Dubois (2003) é preponderante que se passe do estudo da referência para o estudo da referenciação, objetivando o questionamento dos processos de discretização e estabilização da língua, resultando daí uma visão dinâmica, que encara o sujeito sociocognitivo frente a uma relação indireta entre o mundo e os discursos produzidos.

Isto significa que, no lugar de fundamentar implicitamente uma semântica linguística sobre as entidades cognitivas abstratas, ou sobre os objetos a priori do mundo, nós nos propomos a reintroduzir explicitamente uma pluralidade de atores situados que discretizam a língua e o mundo e dão sentido a eles, constituindo individualmente e socialmente as entidades (p. 20).

O uso do “tu” configura uma marca da fala regional do Rio Grande do Sul, pois é utilizado nos mais diversos círculos sociais, entre escolarizados e não-escolarizados. Não se pode, contudo, ignorar o uso do “você”, que é considerado, por alguns gaúchos, o pronome a ser utilizado em situações de formalidade, enquanto o “tu” comumente é usado em situações informais<sup>6</sup>. Outro ponto que merece investigação é que, em algumas situações, embora sejam familiares, a forma “tu” não pode ser usada, isso ocorre no

---

<sup>5</sup> Segundo Fernando Tarallo (2001), o vernáculo é a língua falada, “a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (*o que*) sem a preocupação de *como* enunciar-los”. (p. 19).

<sup>6</sup> No entanto, nos últimos anos, alguns trabalhos têm comprovado que a variação do uso entre o “tu” e o “você” no Rio Grande do Sul, depende da situação, sendo que o primeiro é associado a situações informais e o segundo é usado como um pronome de tratamento mais formal. (cf. ZILLI, 2009).

caso de alguns pais e professores que exigem de seus filhos e alunos o uso do pronome de tratamento senhor/senhora. A sociolinguística variacionista permite que se estude mais detidamente como se apresenta a variação linguística presente em uma comunidade de fala, e assim tenta compreender a língua de uso em seu contexto social.

A variação linguística, segundo alguns teóricos, acontece em todos os níveis de elaboração da linguagem, e ocorre em função do emissor e do receptor, sempre levando em conta a região em que se encontra (emissor ou receptor), faixa etária, classe social e profissão, sendo eles responsáveis por essa variação. No caso do Brasil, pelo fato de ser um país extenso e com uma população diversificada, utilizando a mesma língua materna, sempre haverá a heterogeneidade linguística, dentro do mesmo estado ou comunidade linguística. (BARBOSA, 2009, p. 03).

Esse tema torna-se ainda mais pertinente se as variantes do português faladas no Rio Grande do Sul forem consideradas em função do contato com línguas trazidas pelos imigrantes. Línguas essas, por vezes, que são estereotipadas, contudo não podem ser ignoradas, porque são tão importantes quanto a variante padrão. Muitas regiões do Rio Grande do Sul, devido ao elevado número de imigrantes que recebeu outrora, ainda mantêm palavras e expressões que surgiram da mistura entre a Língua Portuguesa e a língua falada pelos que vieram morar no sul do Brasil.

As caricaturas de descendentes de imigrantes, longe de pender para aspectos negativos, podem ser úteis para compreender questões relevantes das comunidades que representam. E, com base nessa perspectiva, este trabalho tem como objetivo verificar se a fala estereotipada de Radicci e sua família representa, de alguma maneira, a fala do gaúcho, cuja marca linguística, de acordo com o senso comum, é o uso do “tu”, como pronome da segunda pessoa do singular, concordando com o verbo na terceira pessoa do singular. Para esta verificação, foram analisadas 40 tiras de Iotti, todas publicadas no *site* [www.radicci.com.br](http://www.radicci.com.br).

Desse modo, este trabalho, objetivou verificar se as personagens de Iotti representaram o “padrão” utilizado pelo gaúcho e se isso ocorreu nas mesmas condições observadas por Loregian (2004) em Porto Alegre, para isso, o aporte teórico foi a Teoria da Variação e Mudança. Para a análise dos dados, considerou-se, como variantes sociais, a faixa etária, o gênero e a escolaridade; e, como variantes linguísticas, tomou-se o modo verbal. Considerou-se também a variante monolinguismo/bilinguismo das personagens das tiras, o que possibilitou verificar se os falantes do dialeto italiano

repetiram o padrão do gaúcho em geral. Os dados coletados nas tiras foram comparados aos resultados obtidos com os descritos por Loregian (1996;2004).

### **O corpus**

Embora a variação de uma língua possa ocorrer tanto nas modalidades escrita quanto oral, é nesta última que ela fica mais evidente, porque a fala é mais espontânea, menos cuidada. Isso não significa, contudo, que a fala seja o lugar do caos, pois, mesmo que seja menos normatizada em relação à gramática normativa da língua escrita, toda a variação segue regras definidas. Desse modo, para fazer um estudo de variação, parece ser mais relevante utilizar a modalidade falada. A fala, porém, não precisa, necessariamente, apresentar-se em meio sonoro. Nessa perspectiva, uma tira, por exemplo, é um texto cuja concepção discursiva é oral e cujo meio de produção é escrito, segundo Marcuschi (2001). Assim, uma tira pode ser a base para um estudo sociolinguístico de fala, porque, além da marca de oralidade, esse gênero textual carrega variantes sociais que podem representar a fala de uma determinada comunidade, no caso deste estudo, a fala de imigrantes italianos que moram no Rio Grande do Sul.

Com base nisso, optou-se por escolher como corpus desta pesquisa algumas tiras de Iotti. Iotti é um cartunista gaúcho, descendente de italianos, que mora em Caxias do Sul/RS. Ele criou os personagens Radicci, Genoveva, Guilhermino, Nôno, Tia Carmella, entre outros, que interagem com a família.

O Radicci foi criado em 1983. Ele é um ítalo-brasileiro que conquistou o público com seu temperamento forte e com sua paixão pelo ócio e pelo vinho. Radicci é uma espécie de alter-ego dos imigrantes italianos, um personagem universal com uma roupagem regional. Genoveva é a esposa de Radicci, e é o único empecilho entre seu marido e o vinho. É uma espécie de *Mamma* italiana pós-máquina de lavar roupa, segundo seu criador. Guilhermino é o filho do casal. Ecologista e amante do *rock and roll*, suas posições políticas vão do vermelho Che Guevara ao verde erva *cannabis*, enquanto o pai pensa que o único líder político que prestou foi Mussolini. O Nôno é o patriarca da família. Ele representa o elo com o passado, está um tanto caduco, mas é astuto. É um veterano da Segunda Guerra Mundial, em que foi piloto de caça, no entanto não lembra em que lado lutou. Tia Carmella é irmã de Radicci, é muito casta e

religiosa fanática. Viúva há anos, permanece de luto e anda permanentemente horrorizada com a pouca vergonha que os meios de comunicação expõem ao público. Além desses personagens, aparecem, ainda, em um dos quadrinhos analisados, uma moça, amiga de Guilhermino e um gaúcho.

Essa descrição revela as variantes sociais que foram utilizadas para a análise dos dados: gênero (feminino/masculino), faixa etária (jovens/adultos/idoso), escolarização (mais escolarizados/menos escolarizados) e bilinguismo (bilíngue/monolíngue). Sendo assim, o corpus constituiu-se de uma família ítalo-brasileira, em que duas gerações ainda dominam um dialeto italiano e uma não domina mais, como Guilhermino, que, aparentemente, não usa mais o dialeto, pois não apresenta marcas desse uso em suas falas, ele, por exemplo, não utiliza, por empréstimo, termos do dialeto (code-switching), assim como as outras duas gerações da família. Pelo mesmo motivo, sua amiga e o gaúcho também serão tomados como monolíngues.

Como não é possível fazer entrevistas com os personagens para saber mais sobre eles, as variáveis sociais serão deduzidas de suas “falas” constantes nas tiras e da breve descrição de cada uma delas que aparece no *site* do criador. Elas estão assim caracterizadas: duas informantes do sexo feminino e três do sexo masculino; um idoso, três adultos e um jovem; quatro bilíngues e um monolíngue.

### **O sistema pronominal do Português do Brasil**

De acordo com a gramática normativa da Língua Portuguesa, as pessoas do discurso são três: a primeira, aquela que fala; a segunda, que é aquela com quem se fala, e a terceira, aquela de que se fala. A primeira pessoa é representada pelo pronome “eu”, no singular, e pelo “nós”, no plural; a segunda pessoa é representada pelo pronome “tu”, no singular, e pelo “vós”, no plural, enquanto a terceira pessoa é representada pelos pronomes “ele(a)” e “eles(as)”, respectivamente, no singular e no plural. Os pronomes representativos da pessoa com se fala, contudo, não são categoricamente “tu” e “vós”. Eles variam nas diversas regiões do país.

Segundo Cunha e Cintra (2007), a região Sul e a Norte são as únicas a usar o pronome “tu”.

No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior (p. 306).

Desse modo, percebe-se que o uso dos pronomes está relacionado à maneira de tratar o outro, com maior ou menor grau de intimidade.

Quanto ao pronome “vós”, este caiu em desuso. De acordo com Menon (1995), tal pronome praticamente inexistente na fala, aparecendo somente em gramáticas escolares. Menon, inclusive, critica as gramáticas por não mencionarem o pronome “você”, que é usado em São Paulo, no Rio de Janeiro e nos demais estados das regiões Norte, Sudeste, Centro-Oeste e, também, no Sul.

O pronome “você”, embora seja usado para remeter à segunda pessoa, é conjugado em terceira pessoa e é descrito, nas gramáticas, como pronome de tratamento, contudo essa classificação tem origem histórica. “Você” deriva do pronome de tratamento “vossa mercê”, que era utilizado para dirigir-se ao Rei. Em função de questões econômicas e políticas, relacionadas à “farta distribuição de títulos”, promovida por Dom João VI, o pronome foi perdendo seu valor além de sofrer transformações na forma. De “vossa mercê”, passou a “Vosmecê” e daí para “você”, “ocê” e “ce”.

No estágio atual, segundo estudos, como o realizado por Loregian (1996), o “você” concorre com o “tu” na representação da segunda pessoa do discurso. Aliás, “na maior parte do Brasil, como sabemos, devido à *reorganização do sistema pronominal* [...], o pronome *tu* foi substituído por *você*. [...] De fato, o pronome está em vias de extinção na fala do brasileiro” (BAGNO, 2002, p. 46). Desse modo, a partir da quase extinção do *tu*, embora o *você* continue sendo nas gramáticas um pronome de tratamento, ele seria, em verdade, um pronome de segunda pessoa.

Não se pode desprezar, entretanto, que, em algumas regiões, como no Rio Grande do Sul, a função de tratamento ainda se mantém, uma vez que “você”, por vezes, é utilizado em situações mais respeitadas e menos informais. Nesse caso, ele ocupa uma função intermediária entre o formal “senhor/senhora” e o informal “tu”.

O que, no entanto, chama a atenção no uso desses pronomes é que, nas regiões em que é usado o “tu”, este não é usado com a forma e flexão verbal de segunda pessoa do singular, mas com a de terceira pessoa. Esse uso pode estar relacionado à origem do “você”, que provém de uma locução nominal, que deve aparecer com o verbo na terceira pessoa. E, mesmo com a mudança de categoria, de nome para pronome, o “você” não se combina com a forma verbal da segunda pessoa do singular. Era de se esperar que, se o pronome “você” marca a segunda pessoa do singular, o verbo concordaria com essa segunda pessoa. Mas isso não aconteceu, e, com o passar do tempo, o pronome “tu” também concordou, em algumas regiões, com a terceira pessoa do singular.

Assim, houve a redução de marcas morfológicas do paradigma verbal resultante dessa mudança de pronome de segunda pessoa “tu” para “você”, segundo a hipótese de Menon (1995), que afirma que:

os falantes interiorizam a forma verbal com morfema  $\emptyset$  como a marca de segunda pessoa e a variação recai simplesmente no uso do pronome. Assim, no paradigma verbal já teria havido a mudança de forma e a variação continuaria a existir a nível de escolha – determinada pelo dialeto que o falante utiliza – entre dois pronomes possíveis: *tu* ou *você* (p. 97).

### **A concordância verbal**

A concordância verbal do pronome “tu” na fala da região sul do Brasil foi estudada por Loregian (1996), que comprovou algumas hipóteses, tal como a de que “a marca morfológica, o pretérito perfeito do indicativo, mais precisamente, não é usado frequentemente na variante do português do Brasil falado pelos entrevistados” analisados por ela, e a de que “verbos oxítonos são mais marcados com a flexão do que os paroxítonos”. Ela confirmou também que a concordância verbal com o pronome *tu*, na região de Porto Alegre, é praticamente inexistente.

O pronome *tu*, de acordo com a gramática, deve combinar-se com a forma específica da segunda pessoa do singular, assim como as formas gramaticalizadas senhor/senhora, provenientes do pronome de tratamento e que também deveriam concordar com a segunda pessoa. Já o “-s” e o “-ste”, que são marcas morfológicas do

“tu” nos tempos presente e pretérito perfeito, contrastam com a marca de concordância verbal  $\emptyset$  (zero) da terceira pessoa do plural. Para Faraco e Moura (2000), pessoa e número praticamente correspondem a uma única flexão. Assim, o uso de um pronome de segunda pessoa associado com um verbo em terceira não está de acordo com a norma culta. Esse uso no Rio Grande do Sul, todavia, pode ser decorrente da variação entre o “tu” e o “você”.

Com relação à flexão no imperativo, também pode ser percebida variação no português do gaúcho. De acordo com a gramática, para formar o imperativo afirmativo, busca-se a conjugação verbal, tanto no singular quanto no plural, da segunda pessoa do presente do indicativo, suprimindo-se o “-s” final, enquanto a terceira pessoa do singular e do plural, assim como a primeira do plural, são retiradas do presente do subjuntivo, sem qualquer alteração.

Estudos mostram que há duas formas variantes para a expressão variável do imperativo singular (no afirmativo), uma homônima à terceira pessoa do presente do indicativo (cantA, vendE e partE) e outra que vem do presente do subjuntivo (cantE, vendA e partA), ambas em contextos dos pronomes “tu” e “você”. Sampaio (2001), Alves (2005) e Scherre (2007) revelam que a variação, nesse caso, não decorre do uso dos pronomes, mas está ligada a questões geográficas. Essas pesquisas apontam que, nas regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste, os falantes utilizam formas indicativas para a expressão do imperativo singular enquanto na região Nordeste são utilizadas formas subjuntivas.

Pesquisas como a de Scherre (2007), contudo, mostram que, nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, houve mudança no uso do imperativo entre as décadas de 1980 até os dias atuais, propondo que essa transição esteja relacionada à influência do contexto da ditadura militar.

Tomando como base Sacconi (1994), entretanto, pode-se chegar a outra justificativa. Segundo ele, as formas expressas pelo indicativo têm um caráter mais ameno. Para ele, é possível, para ordenar ou fazer pedidos, usar também o presente do indicativo.

## Os dados

Os dados relativos aos usos de “tu” e “você”, coletados nas tiras que compuseram o corpus deste trabalho, estão apresentados em tabelas de acordo com as variáveis selecionadas. Após cada uma delas, há um breve comentário.

A respeito dos dados relativos à concordância verbal:

**Tabela 1 - Usos do “tu” e do “você”<sup>7</sup>**

	<b>n/total</b>	<b>%</b>
<b>“Tu” com verbo na terceira pessoa</b>	28/30	93,33%
<b>“Tu” com verbo na segunda pessoa</b>	1/30	3,33%
<b>“Você”</b>	1/30	3,33%
<b>Total</b>	30/30	100%

Na tabela 1, pode-se perceber que, em 30 ocorrências de fala direcionada a uma segunda pessoa, 28 foram realizadas com o uso de “tu” com o verbo na terceira pessoa do singular, como em “Tu prefere um homem bonito ou inteligente?”. Houve apenas uma ocorrência de “você” (amiga de Guilhermino dirigindo-se a ele), “Quando você disse que eu ia subir pelas paredes...” e uma ocorrência de “tu” com verbo na segunda pessoa (gaúcho), “Mas tu nunca andas de poncho!”.

No entanto, é interessante analisar a grande proporção do “tu” com o verbo na terceira pessoa que possa ser explicado apenas como uma redução de marca morfológica do paradigma verbal resultante da mudança de pronome de segunda pessoa “tu” para “você”, pois poderia ser um simples apagamento do “-s” em coda final, já que, com exceção de uma ocorrência (qué/quieres), em que houve apagamento de “-es”, em todas as outras palavras houve apenas a perda desse “-s” (vai, prefere, leva, acha, sabe,...), como ocorre em muitas outras situações de concordância nominal. Por outro lado, com relação ao do pretérito perfeito, por exemplo, o que não ocorre nas tiras analisadas, não se poderia cogitar simplesmente em apagamento de “-ste”, sendo que, além do apagamento, há o acréscimo da desinência “-ou”.

<sup>7</sup> O peso relativo não foi calculado.

É importante destacar a situação de produção do “você”. Ele foi usado pela “amiga” de Guilhermino, de certo modo, em um momento íntimo: “Quando você disse que eu ia subir as paredes... Eu pensei outra coisa!”. Então, seguindo o que é tido como padrão no Rio Grande do Sul, se esperaria que ela tivesse usado a forma “tu”.

Em síntese, quanto ao uso variável de “tu” e “você”, encontrou-se no uso do “você”, 3,33% e 96,66% de uso do “tu”. Contudo, em apenas 3,33% dos usos do “tu”, houve concordância com a segunda pessoa, enquanto no restante foi utilizada a forma “tu” com verbo na terceira pessoa do singular.

Loregian (2004) chegou a um resultado semelhante quanto ao uso do “você”. Em 24 incidências, ela observou 14 usos de “tu” (58,33%), um uso de “você” (4,16%) e nove usos de “tu” e “você” (37,5%).

**Tabela 1a – usos do “tu” com o verbo na terceira pessoa do singular (por gênero)**

	<b>n/total</b>	<b>%</b>
<b>Homens</b>	16/17	94%
<b>Mulheres</b>	12/13	92%
<b>Total</b>	28/30	93%

Na tabela 1a, verifica-se que os homens utilizaram o “tu” com verbo na terceira pessoa do singular em 16 das 17 ocorrências registradas, o que equivale a 94%, e as mulheres usaram o mesmo procedimento em 12 das 13 ocorrências, equivalente a 92%.

Loregian-Penkall (2004), com base em dados do Projeto VARSUL – Variação Linguística Urbana na Região Sul - registrou o seguinte quadro geral de uso dos pronomes de segunda pessoa “tu/você” em Porto Alegre para a variável sexo.

**Quadro 1 - Distribuição de “tu/você” por sexo e nas capitais do Sul do Brasil<sup>8</sup>**

	<b>Tu</b>	<b>Você</b>	<b>Tu + você</b>
<b>Feminino</b>	10 – 71,42%	- 0%	02- 22,22%
<b>Masculino</b>	04 – 28,57%	01- 100%	07- 77,77%
<b>Total</b>	14	01	09

<sup>8</sup> Adaptado de Loregian-Penkall (2004)

Nesse quadro, constata-se que, para os 14 informantes que usam somente “tu”, em Porto Alegre, há um informante que usa só “você” e nove informantes que fazem uso da alternância “tu/você”. A partir desses dados de uso dos pronomes de segunda pessoa na região Sul, Loregian-Penkall (2004) concluiu que o pronome “tu” ainda subsiste no Sul e que não se constata uma substituição de “tu” por “você”.

Comparando-se os dados da autora com os obtidos por meio da análise das tiras, conclui-se que, enquanto nas tiras a incidência do “você” se deu em falante feminino, nos dados de Loregian, esse uso é de um falante masculino.

**Tabela 1b – usos do “tu” com verbo na terceira pessoa do singular (por faixa etária)**

	<b>n/total</b>	<b>%</b>
<b>Idoso</b>	2/2	100%
<b>Adulto</b>	24/25	96%
<b>Jovem</b>	2/3	66%
<b>Total</b>	28/30	93%

Nesta tabela, vê-se que 100% dos idosos usam o “tu” com o verbo na terceira pessoa do singular. O mesmo acontece com 96% dos adultos. Já entre os jovens, esse uso cai para 66%. A partir desses dados, pode-se, em tese, corroborar que o uso de “você” ocorre entre os jovens.

Em relação à faixa etária, houve o caso de um adulto, o gaúcho, que usou o “tu” com o verbo em segunda pessoa, e uma ocorrência de “você”, da amiga de Guilhermino. Embora sejam poucos dados, a partir dessa amostra, fica evidente que idosos e adultos não usam “você” e que jovens podem usar tanto o “tu” quanto o “você”, porém, quando usam “tu”, concordam com a terceira pessoa.

Loregian, contudo, obteve dados um pouco diferentes, ela observou que, em Porto Alegre, 6% das pessoas entrevistadas com mais de 50 anos fizeram concordância verbal de segunda pessoa, enquanto nesta pesquisa, a incidência foi de 0%. Já em relação aos adultos, segundo a autora, apenas 2% das pessoas com idade entre 25 e 49 anos fizeram a concordância com a segunda pessoa, enquanto nas tiras verificou-se esse uso em 4%. Ela não tem estatísticas para jovens entre 15 e 24 anos.

**Tabela 1c – usos do “tu” com verbo na terceira pessoa do singular (quanto à escolaridade)**

	<b>n/total</b>	<b>%</b>
<b>Menos escolarizado</b>	26/27	96%
<b>Mais escolarizado</b>	2/3	66%
<b>Total</b>	28/30	93%

Na variante escolarização, tem-se 4% de uso de “tu” em concordância com a segunda pessoa (de acordo com a gramática normativa) no grupo dos considerados menos escolarizados, e 34% de uso de “você” em concordância com a terceira pessoa de acordo com a gramática nos mais escolarizados. Contudo, se fosse considerado apenas o uso do “tu”, haveria 100% de concordância com a terceira pessoa do singular.

**Tabela 1d – usos do “tu” com verbo na terceira pessoa do singular (por bilinguismo)**

	<b>n/total</b>	<b>%</b>
<b>Bilíngue</b>	26/26	100%
<b>Monolíngue</b>	2/4	50%
<b>Total</b>	28/30	93%

Quanto ao fator bilinguismo, constata-se que 100% dos bilíngues usam “tu” com o verbo na terceira pessoa, enquanto o mesmo só ocorre em 50% dos monolíngues, já que entre os monolíngues há a incidência de “você”. Considerando-se, entretanto, somente a incidência de “tu”, este ocorre em 100% na terceira pessoa.

Analisando-se as tabelas, tem-se que o idoso, independentemente das outras variantes, usa sempre “tu” com verbo na terceira pessoa do singular. Entre os adultos, o que propicia o uso de “tu” com verbo na segunda pessoa do singular é o fator monolinguismo. Entretanto, entre os jovens, tanto o fator monolinguismo quanto os de idade e escolaridade contribuem para a realização de “tu” com o verbo na terceira pessoa do singular. Convém salientar, ainda, que o “você” foi utilizado somente entre jovens e do sexo feminino.

## Dados relativos ao modo verbal

Quanto ao modo verbal, são analisados somente os dados referentes ao uso do imperativo afirmativo, já que os dados do tempo presente estão analisados na seção anterior.

**Tabela 2a – usos do imperativo sem expressão do pronome com verbo na segunda pessoa do singular (por gênero)**

	<b>n/total</b>	<b>%</b>
<b>Feminino</b>	1/1	100%
<b>Masculino</b>	4/5	80%
<b>Total</b>	5/6	83%

A tabela mostra que as mulheres usam, no imperativo afirmativo, o verbo na segunda pessoa do singular em caso de ausência do pronome. Já os homens o fazem em 80% dos casos.

**Tabela 2b – usos do imperativo sem expressão do pronome com verbo na segunda pessoa do singular (por faixa etária)**

	<b>n/total</b>	<b>%</b>
<b>Idoso</b>	0/0	0%
<b>Adulto</b>	2/3	67%
<b>Jovem</b>	3/3	100%
<b>Total</b>	5/6	83%

Com relação ao fator idade, percebe-se que os jovens usam, no imperativo afirmativo com ausência de pronome, em 100% dos casos, a segunda pessoa do singular. Já os adultos o fazem em 67% dos casos. Quanto ao idoso, não há registro de uso do imperativo.

**Tabela 2c – usos do imperativo sem expressão do pronome com verbo na segunda pessoa do singular (por escolaridade)**

	<b>n/total</b>	<b>%</b>
<b>Menos escolarizado</b>	2/3	67%
<b>Mais escolarizado</b>	3/3	100%
<b>Total</b>	5/6	83%

Quanto à variante escolaridade, a tabela mostra que apenas 33% dos menos escolarizados não usam o verbo na segunda pessoa do singular no imperativo afirmativo sem expressão do pronome, enquanto 100% dos mais escolarizados usam essa forma.

**Tabela 2d – usos do imperativo sem expressão do pronome com verbo na segunda pessoa (por bilinguismo)**

	<b>n/total</b>	<b>%</b>
<b>Bilíngues</b>	2/3	67%
<b>Monolíngues</b>	3/3	100%
<b>Total</b>	5/6	83%

Quanto ao fator bilinguismo, a tabela mostra que 100% dos monolíngues utilizam a segunda pessoa do singular no imperativo afirmativo sem expressão do pronome, enquanto 67% dos bilíngues utilizam esse recurso.

Em síntese, tem-se que a segunda pessoa do singular no imperativo sem expressão do pronome é mais utilizada pelo jovem, mais escolarizado e monolíngue, e pela mulher, adulta, menos escolarizada e bilíngue, tendo, assim, uma variação assistemática.

### **Considerações finais**

Após a análise das tiras de Iotti, chegou-se a resultados relativamente próximos aos obtidos por Loregian-Penkál (2004), que verificou, com base em dados do VARSUL, que a marca de identificação do gaúcho é a utilização do pronome “tu” sem efetuar a concordância canônica com o verbo que o acompanha. Percebe-se, portanto,

que Radicci, sua família e seus amigos seguem o mesmo padrão do povo gaúcho, logo, o estereótipo do ítalo-brasileiro, nesse caso, utiliza uma variante da língua semelhante à do gaúcho. Além disso, o fator bilinguismo não foi uma variante significativa, pois o fato dos personagens serem bilíngues não fez com que a produção fosse diferente.

É preciso ressaltar que esta não é uma análise profunda, apenas uma breve reflexão sobre o assunto, pois a quantidade de “falas” (tiras) analisadas não foi suficiente para fazer afirmações categóricas e obter-se um estrato. Convém colocar, ainda, que outros dados podem ser explorados nas tiras de Iotti, como o uso dos clíticos, por exemplo. Além disso, a fim de obter resultados mais precisos, seria necessário usar um cômputo maior de dados e calcular o peso relativo.

## Referências

- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, e como se faz*. 12. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- BARBOSA, Maria do Carmo. A sociolinguística e seu papel metodológico no ensino da linguagem oral. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles>>. Acesso em: 17 jun. 2016
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora, 2007.
- FARACO, Carlos Alberto. O tratamento de você em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, Curitiba, n. 13, p. 51-82, 1996.
- FARACO & MOURA. *Língua e Literatura: 2º grau*. Volume único. 8. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- LOREGIAN, L. Concordância verbal com o pronome tu na fala da região Sul. Dissertação de Mestrado em Linguística. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1996.
- LOREGIAN-PENKAL, L. (Re) análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2004.
- MENON, O. P. S. *O sistema pronominal do Português do Brasil*. Curitiba: Fragmenta, 1995.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. *Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referência*. In.: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B.B.; CIULLA, A. Referência. São Paulo: Contexto, p. 17-52, 2003.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria e prática*. 18. ed. reform. E atual. São Paulo: Atual, 1994.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *A norma do imperativo e o imperativo da norma – Uma reflexão sociolinguística sobre o conceito de erro.* In: BAGNO, Marcos (org.). *Linguística da norma.* São Paulo: Loyola, p. 217- 230 e 242- 251, 2002.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Aspectos sincrônicos e diacrônicos do imperativo gramatical no português brasileiro. *In Revista Alfa, São Paulo, 51(1): 189-222.* 2007.

SOTO, U. De “Vossa Mercê” a “Você”: um percurso de mudanças no tratamento de 2ª pessoa. *Boletim ABRALIN n.º. 21, 1997.* Disponível em: <<http://www.radicci.com.br/tirinhas.asp>>. Acesso em: 20 jun. 2016

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística.* 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

ZILLI, Gabriela Nazário. Por que “tu” e não “você”? 2009. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Curso de Especialização em Língua e Literatura, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, SC, 2009.

ANEXO: Figuras avaliadas

















<http://www.radicci.com.br/tirinhas.asp>